Editora HEDRA

Coleção Walter Benjamin

Direção: Amon Pinho e Francisco Pinheiro Machado

Volume 2

**Walter Benjamin e a Paris do século XX: o lugar do crítico literário**

Organização, tradução e notas: Carla Milani Damião e Pedro Hussak van Velthen Ramos

Apresentação: Carla Milani Damião

Revisão da tradução: Francisco Pinheiro Machado

Índice

1. **O ambiente crítico-literário de Paris**
2. Três franceses (1927)
3. O comerciante no poeta (1926)
4. Talentos parisienses (1930)
5. Diário parisiense (1929-1930)
6. **Escritos sobre Paul Valéry**
7. Paul Valéry na *École Normale* (1926)
8. Paul Valéry. Em seu sexagésimo aniversário (1931)
9. Anotações ao programa de rádio em homenagem a Paul Valéry
10. **Escritos sobre Proust**
11. Imagem de Proust (1929-1934)
12. Anotações ao ensaio “Imagem de Proust”

**IV – Escritos sobre André Gide**

1. André Gide e a Alemanha. Conversação com o poeta (1928)
2. Conversação com André Gide (1928)
3. Vocação de Gide (1929)
4. Édipo ou o mito racional (1932)

**V – Cartas parisienses**

1. Carta parisiense I. André Gide e seu novo adversário (1936)
2. Carta parisiense II. Pintura e fotografia (1936)

APRESENTAÇÃO

O presente volume da Coleção Walter Benjamin tem por objetivo chamar a atenção do leitor para alguns trabalhos escritos em uma década: de 1926 a 1936. São textos de particular importância para nosso pensador que presumia ser, segundo diz Gershom Scholem, o único crítico legítimo de literatura alemã[[1]](#footnote-1). Sabemos que o sentido de crítica em Benjamin não está isolado no empenho de sua pena crítica literária, e sim permeado, de partida, pela reflexão filosófica empreendida em sua tese de doutorado, *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*. Importante notar que o caráter legítimo de crítica que ambicionava não era comum a seus contemporâneos[[2]](#footnote-2), pouco ou nada ortodoxo em comparação com a crítica que era realizada então. É, particularmente, nesse sentido, que o convívio com críticos literários franceses transforma a noção aprofundada de crítica presente em sua tese de doutorado, ao participar ativamente em um ambiente literário e político no qual Benjamin insere-se antes mesmo de seu exílio.

Os textos reunidos nesse volume nos dão notícias, portanto, do trânsito entre Alemanha e França percorrido por Benjamin em vários sentidos: literário-crítico, filosófico, artístico, político e biográfico. O título faz menção ao “lugar” de Benjamin, como crítico literário alemão e refugiado político, no debate literário francês no período entreguerras. “O lugar social do escritor francês na atualidade”,título[[3]](#footnote-3) de um dos ensaios mais importantes de Benjamin no período considerado, ao lado do ensaio “O autor como produtor”[[4]](#footnote-4) e das “Cartas parisiensesI e II” [[5]](#footnote-5) traduzidas nesse volume, são claros exemplos do lugar político e social que o crítico assumia à época, quando exige dos intelectuais posicionamento em face do tempo em que viviam. A retórica utilizada por Benjamin remete a Brecht, sem dúvida, com quem dialogava no período, mas refletia igualmente o modo de expressão do contexto literário francês. Ele participa, em junho de 1935, do *Congrès International des écrivains pour la défense de la culture*, que tem por presidente e personagem central André Gide, condutor do debate ao redor Mdo qual redemoinham polêmicas. Nesselugar, e momento, ele é lançado no “olho do furacão”[[6]](#footnote-6). .

No período que antecede o exílio de Benjamin, há o ambiente de intercâmbio cultural, literário e crítico na Alemanha que já estabelece o diálogo com os escritores franceses, de forma a tematizar a relação existente, seja na divulgação de obras, seja no trabalho de tradução dessas. Da entrevista com Gide realizada em 1929, vertida em dois textos diferentes [[7]](#footnote-7), ao “Diário de Paris”, do final de 1929 a junho de 1930, o interesse é marcado pela preocupação com a recepção dos escritores, com as traduções e com uma ideia de trânsito e de intercâmbio cultural. Ao mesmo tempo em que lida com mediações, há o tema premente de abertura de fronteiras culturais entre os dois países. Embora André Gide, com quem se encontra pessoalmente, seja muito citado, Marcel Proust torna-se uma presença recorrente por meio de testemunhos dos que com ele conviveram, sendo constantemente evocado. Por isso, o ensaio sobre Proust não é a única referência a esse escritor cuja fama póstuma estava, nesse momento, sendo construída pela crítica literária. Na nova tradução do ensaio “Imagem de Proust” que aqui oferecemos, incluímos material adicional com as anotações de Benjamin a esse texto, nas quais se nota a presença do escritor francês nas conversas e nas lembranças. Esse material possui o mérito de indicar quantos outros ensaios latentes ali se encontram. Como Proust, Paul Valèry sempre emerge nos escritos de Benjamin, seja por meio de epígrafes, de citações ou nesses poucos textos escritos ora traduzidos.

O interesse demonstrado por Gide, em comparação, parece ser mais extenso, tendo em vista um número maior de escritos, mas pode-se dizer que a importância de Gide como escritor deve ser medida ao lado de Proust e Valèry. No início da resenha “Três franceses”, Benjamin, ao escrever sobre o livro *Les Documentaires*, de Paul Souday, dispõe Gide ao lado de Proust e Valèry, a fim de compor “o triângulo equilátero da nova literatura francesa”. Ao traçar a posição do intelectual na França de forma negativa, ele utiliza o provérbio “para toda regra há sempre uma exceção”, citando Proust e Gide como tais exceções. Os dois, a seu ver, teriam “modificado” decisivamente a técnica do romance. Coube à posteridade eleger Proust como o mais reconhecido entre os três. Gide, um tanto esquecido na contemporaneidade, ressurgiu associado às questões de gênero e a questões coloniais, dois temas que não passaram despercebidos a Benjamin. Em relação à questão de gênero, a seu ver, o público francês não possuía interesse algum no debate sobre questões sexuais ou pela polêmica que envolvia Oscar Wilde, de quem Gide era muito próximo. Por outro lado, antevendo uma crítica de muitos autores atuais ao *Corydon*, Benjamin considera a tentativa de Gide de estabelecer a homossexualidade como um “puro fenômeno natural” como inferior ao caráter sociológico que essa assume em Proust.

O papel de crítico e interlocutor entre as culturas de Benjamin é evidente neste período, tanto em relação à entrevista com Gide, às suas próprias traduções de Proust e de Baudelaire, quanto à sua leitura atenta não só de escritores, mas de críticos literários franceses. O primeiro texto dessa coletânea traz o comentário de Benjamin sobre o livro do crítico Paul Souday, que reúne três volumes sob o título *Les Documentaires*, sendo o primeiro dedicado a Marcel Proust; o segundo, a André Gide; e o terceiro, a Paul Valèry, publicados em Paris, pela editora Simon Kra, em 1927. Além de Souday, destacam-se, neste contexto, particularmente dois críticos literários com os quais Benjamin estabelece um contato mais próximo: Léon Pierre-Quint e Ramón Fernandez [[8]](#footnote-8), dois críticos que se ocuparam também em escrever sobre Proust e Gide ao público francês, num momento em que a fama póstuma, como já ressaltamos, ainda não os distinguia. Particularmente, é com Pierre-Quint que Benjamin dialoga também sobre os insurgentes surrealistas, sobre os quais, aliás, não publicamos nenhum texto específico nessa coletânea, mas que se encontram citados em passagens como descendentes da estirpe gideana.

Pierre-Quint é citado por Benjamin como o primeiro intérprete de Proust, ao ressaltar sua percepção do humor na obra de Proust. No “Diário parisiense” há três referências a Pierre-Quint, sendo a primeira delas (6.1.1930) uma citação sobre Léon-Paul Fargue. Benjamin considera-o como “o grande poeta lírico da França” e uma espécie de testemunha viva, de quem pôde ouvir pessoalmente histórias de sua amizade de mais de vinte anos com Proust. A segunda referência, de 11 de janeiro de 1930, está diretamente associada a Gide. Pierre-Quint fala sobre seu plano de escrever um livro sobre Gide, publicado três anos mais tarde. Essa obra em particular revela ligações com algumas observações de Benjamin sobre Gide. Em 15.1.1933, Benjamin escreve uma carta a Pierre-Quint, agradecendo-lhe o envio do livro sobre Gide, a dedicatória e prometendo-lhe entrar em contato com a editora *Deutsche Verlag Anstalt*, de Stuttgart, para publicação da obra. Não só faria a indicação, como também se ocuparia da tradução do livro, cuja intenção seria a de facilitar a negociação com a editora, responsável pela publicação das obras de Gide na Alemanha. Concorda com Pierre-Quint sobre a importância de Gide na Alemanha[[9]](#footnote-9), e, portanto, sobre a pertinência da publicação do livro de Pierre-Quint na versão alemã. Benjamin, no entanto, não chegou de traduzir a obra. A terceira referência no “Diário parisiense”, de 11.2.1930, revela Pierre-Quint como o diretor da editora *Simon Kra* (mais tarde conhecida como *Éditions du Sagittaire*), responsável pela publicação do “Segundo Manifesto Surrealista”. Pierre-Quint entrega a Benjamin um exemplar do Manifesto e o registro dessa conversa ressalta ainda a força e a peculiaridade do movimento surrealista na França, apesar das discordâncias com as ideias e direção do movimento por Breton. No comentário, Benjamin evidencia a predileção pela produção literária francesa contra a alemã. A associação de Gide com o Surrealismo, que Benjamin estabelece em “Vocação de Gide”, tornando Gide uma espécie de “tio” dos surrealistas, ocorre por intermédio da personagem “Lafcadio”, da obra *Os subterrâneos do Vaticano*, personagem que inaugura o gesto do “ato gratuito”. Notemos que associação parecida é feita por Pierre-Quint, no anexo de seu livro sobre Gide, intitulado “André Gide, ou l’Oncle Dada”[[10]](#footnote-10), no qual cita trechos de Breton e Aragon a respeito de Gide, e trechos da obra *Os subterrâneos do Vaticano*, com enfoque na personagem “Lafcadio” e um diálogo de Breton com Gide, que atestaria a afinidade entre eles.

Paris aos poucos vai se transformando, de um lugar cheio de referências literárias vivas ou lembradas, em um ambiente de combate. É neste contexto que Ramón Fernandez torna-se uma presença em textos com tintas políticas mais fortes. Ramón Fernandez é, como Pierre-Quint, autor de estudos sobre Proust e Gide[[11]](#footnote-11). O estudo por ele realizado sobre Proust é conhecido por Benjamin e, como dissemos, Fernandez é citado em seu ensaio “Imagem de Proust”. Benjamin diz que, “com razão”, Fernandez distinguiu em Proust um “tema da eternidade” (*thème de l’éternité*) de um “tema do tempo” (*thème du temps*), acrescentando não se tratar, contudo, de uma eternidade platônica ou utópica. A associação mais direta entre os dois dá-se em torno da questão política na qual Gide é novamente muito importante. Conhecido como “homem de esquerda” e amigo de Gide, Fernandez foi escolhido para coordenar a mesa de debate com escritores cujo objetivo era arguir Gide em sua “conversão” ao comunismo. Esse debate ocorreu na associação católica “Union pour la Vérité” em 1935, e resultou na publicação da “Carta parisiense I – André Gide e seu novo adversário”.

A imagem de Fernandez, segundo Chryssoula Kambas[[12]](#footnote-12), de homem de esquerda é reforçada. Seu “lugar” é de um estrangeiro que escreve em francês. Mas é como colaborador de longa data da *Nouvelle Revue Française* que Kambas ressalta seu engajamento, citando a “Carta aberta a André Gide”, por ele escrita, que teria causado grande mal-estar aos assinantes “burgueses” da revista. Henri Peyre[[13]](#footnote-13) considera Fernandez, ao lado de Thibaudet, Du Bos e Jacques Rivière, como os quatro verdadeiramente significativos críticos franceses no período entre a primeira e segunda guerras mundiais. Kambas ressalta a luta contra fascismo como principal ideia do texto de Fernandez, a “Carta aberta a André Gide”, e considera-a a maior proximidade de Benjamin com esse autor. Muitos dos conceitos de Fernandez seriam, segundo a autora, repetidos por Benjamin em seu texto “O autor como produtor”, ensaio que é justamente iniciado com uma epígrafe do crítico [[14]](#footnote-14). Outro autor interessado no debate político que envolvia Fernandez e Gide, Michael Lucey [[15]](#footnote-15), limita a militância de Fernandez, ao dizer com relação à atuação deste no debate por ele dirigido na “Union pour la Vérité”, que: “...Ramon Fernandez, um crítico da Nouvelle Revue Française, amigo de Gide e (por um breve período incluindo esta noite em particular) um defensor da União Soviética”. Para este intérprete, a simpatia de Fernandez com “Gide parece consistir em seu esforço para suprimir sua homossexualidade, uma supressão que só faz com que a sexualidade e o desconforto que isso provoca sejam mais evidentes”[[16]](#footnote-16).

Cabe aqui observar que o “lugar do crítico” no contexto francês do período não é exatamente amigável. Fernandez, em comparação com Benjamin, é reconhecido na cena literária e escreve em francês. Benjamin, apesar do conhecimento da língua francesa, de ser tradutor de Baudelaire e Proust, escreve raramente em francês. Seu ensaio “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” foi traduzido por Pierre Klossowski em 1936. O primeiro ensaio que Benjamin escreve e publica em francês é sobre Johann Jakob Bachofen iniciado em 1934, já na condição de exilado da Alemanha nazista. Segundo comenta a tradutora Elisabetta Villari [[17]](#footnote-17)

O momento é difícil tanto por causa de problemas econômicos quanto porque, a partir de 1934, os “tempos já parecem escurecer”: as condições dos emigrantes alemães em Paris começam a piorar. Por ora, demasiadamente numerosos na França, começam a ser aceitos: sujeitos a controles cada vez mais escrupulosos, obrigados pela polícia a apresentar todos os anos um *curriculum* elaborado em francês, com uma descrição detalhada dos deslocamentos de residências, atividades realizadas e uma série de referências. Estes documentos testemunham as contínuas mudanças de domicílio e as dificuldades materiais que Benjamin se vê forçado a enfrentar em seu estilo. (VILLARI, 1998, p.13)

Nessas circunstâncias, seu porto seguro é a Biblioteca Nacional, que lhe permite acesso ao acervo e mantém sua atividade intelectual de pesquisa. O ensaio sobre Bachofen “se constitui como um vasto panorama e se torna o pretexto para traçar uma história real da cultura alemã através da análise desta figura singular, ainda desconhecida na França, interpretada nesta perspectiva como um ponto nodal do pensamento alemão”[[18]](#footnote-18). Nesse sentido, é possível perceber, na contramão, o lugar de um mediador crítico que, ao apresentar um autor alemão como Bachofen, na língua do país que o acolhe, reconstitui a discussão empreendida em sua tese de doutorado, sob as bases da crítica ao círculo de Stefan Georg, à tradição que elege o “símbolo” como central para a formatação imagética da cultura alemã, e a apropriação banalizada dessa tradição pelo nazismo[[19]](#footnote-19).

A politização, portanto, é o tema que lateja nesses textos, reunidos às críticas previamente efetivadas, seja na crítica literária composta com elementos da tradição da cultura alemã, seja no contexto vivo e ativo que se impõe nesses anos de exílio. No bojo desse exercício crítico, o tema da homossexualidade é igualmente politizado de maneira, a bem dizer, inusitada, o que não escapa à observação de Benjamin. Os ataques dirigidos a Gide por Henri Massis mostram de maneira implícita e ao mesmo tempo evidente, o imbricamento entre sexualidade e a adesão de Gide ao partido comunista ou, em geral, a relação entre sexualidade e política em Gide. Benjamin, na “Carta parisiense I - André Gide e seu novo adversário”, traça uma pequena história das desavenças que conduziram ao debate na “Union pour la Vérité” e se refere ao papel central dessa relação. Segundo afirma, após a publicação de *Corydon*, em 1920, no qual Gide defende da pederastia como um fenômeno natural, causando uma tempestuosa reação de seus contemporâneos, tornou-se um hábito para ele ir contra a maioria. É o que novamente ele teria feito ao publicar, em 1931, o primeiro volume de seu *Diário*, no qual descreve seu “caminho para o comunismo”, o que teria, novamente, causado uma espessa polêmica. Benjamin, no entanto, apesar de conhecer o *Diário de volta da U.R.S.S*, não chegou a comentar esse novo redemoinho que torna Gide distanciado e malquisto pelos comunistas franceses.

François Mauriac publicou três artigos contrários na revista “Echo de Paris”. Os ataques constantes fazem com que Gide se disponha ao debate público. Benjamin nomeia o debate na “Union pour la Vérité” como o auge desse processo. Ele não menciona Fernandez ou o rol de escritores convidados, mas refere-se principalmente a Thierry Maulnier. Seu texto é uma defesa explícita de Gide – ao mesmo tempo que defende seu engajamento político, formula uma acusação ao que chama de “posicionamento fascista” de Maulnier. A publicação desse artigo em 1936 (artigo que compõe com “O autor como produtor” e o ensaio sobre a obra de arte, o tema da arte associada à luta contra o fascismo, a “politização da arte” contra a “estetização da política”), sofreu, como já ressaltado, uma defasagem de tempo com relação à mudança de posicionamento político de Gide. Ou seja, Gide já havia rompido com o partido comunista quando de volta de sua visita à U.R.S.S., passa a discordar do encaminhamento do comunismo via estalinismo e publica duas obras: *Retour de l'U.R.S.S*. de 1936 e *Retouches à mon Retour de l'U.R.S.S.* em 1937, ambos publicados pela editora Gallimard.

Fernandez não é citado por Benjamin em cartas desse período. Não parece, portanto, haver uma proximidade pessoal tão clara quanto a que Benjamin manteve com Pierre-Quint. Poderíamos até afirmar que sua relação com Pierre-Quint era de ordem mais especulativa e investigativa, ao passo que Fernandez traria o lado circunstancial do debate político e literário desse período de exílio na França. O tema da “luta contra o fascismo” e o tom engajado dos textos do período atestariam a circunstancialidade de algumas ideias desenvolvidas por Benjamin nesse período. Nesse sentido, a importância de Fernandez é também de fundo conceitual, bem como comenta Kambas a respeito do papel do intelectual na luta de classes pensado por Fernandez (no texto já citado “Carta aberta a André Gide”), ideia acolhida por Benjamin e que inspiraria seu texto “O autor como produtor”. Por outro lado, a amizade entre Benjamin e Pierre-Quint não se limitaria ao interesse puramente conceitual, já que Pierre-Quint, como atestam as cartas, teria procurado inserir Benjamin no debate literário francês e auxiliá-lo na publicação de alguns artigos. Reciprocidade demonstrada por Benjamin ao sugerir a publicação do livro de Pierre-Quint sobre Gide na Alemanha. O que é necessário sublinhar no interesse de Benjamin por Gide é, principalmente, a importância desse escritor no debate político do período, ocorrendo de diversas maneiras, seja como presidente do Congresso do Escritores em 1935[[20]](#footnote-20), seja como ativo oponente ao nacionalismo de Barrès, além da relação de proximidade e distanciamento em relação ao comunismo ortodoxo. Gide foi inegavelmente – além de polemizador – um escritor muito ativo no contexto político e, mesmo após sua morte, continuou a receber elogios ao lado de críticas mordazes. O artigo de Sartre é um exemplo notável nesse sentido. O título – “Gide vivo” – marca a oposição ao jornal comunista *L’Humanité*, o qual, por ocasião da morte de Gide em 1951, publica o seguinte comentário: “C’est um cadavre qui vient de mourir”[[21]](#footnote-21).

Essas críticas transitam do pessoal à obra, às vezes, a própria obra serve como fundamentação para um ataque pessoal. O que se pode afirmar sobre esse debate “apaixonado” em torno do escritor é que Benjamin, sem dúvida, é um de seus defensores. A análise dos artigos que marcam e demarcam esse interesse parecem manter o tom polêmico que circunda a figura do escritor. Seria Benjamin um jovem admirador da obra e figura de Gide? Ou um já experiente intelectual – embora bem mais novo do que Gide – que procurava apenas manter uma relação de intercâmbio político no terreno literário entre Alemanha e França?[[22]](#footnote-22) São questões levantadas por poucos intérpretes que pesquisaram o período e o interesse de Benjamin em se tornar esse crítico exemplar, um mediador entre culturas. A mediação passa por diversos meios, seja pela escrita de resenhas sobre livros, a conversação com Gide, seja pela escrita do ensaio sobre Proust, cujo valor conceitual é de fundamental importância para seu pensamento, ou ainda, na escrita de cartas, do diário e de programas de rádio. Essa proliferação de gêneros de escrita é quase sempre sujeita a uma especulação sobre os gêneros e a transgressão de sua escrita ou composição. Se Proust o motiva a dizer que sua obra é inclassificável, e que “toda grande obra inaugura seu próprio gênero”, vemos em sua atividade crítica e em seus experimentos midiáticos, uma perene audácia ao transformar e reinventar gêneros convencionais de escrita, de entrevista e ao criar experimentos midiáticos. Entre esses últimos, os programas de rádio compõem uma gama à parte de especial interesse, sendo “A vocação de Gide”, “Paul Valéry – Em seu sexagésimo aniversário” e “Talentos parisienses”, exemplos desse tipo de produção midiática. A Carta parisiense II, ainda nesse âmbito, pouco estudada em comparação com o ensaio sobre a obra de arte e sua reprodutibilidade técnica, que marca a recepção de Benjamin no Brasil e conta com diversas traduções de suas versões, pode surpreender o leitor, tanto em seu teor político, quanto em seu posicionamento favorável à pintura na chave da “politização da arte”, como podemos ler ao final: “Eles sabem o que é hoje útil em uma imagem: cada marca secreta ou aberta que mostre que o fascismo encontrou no homem barreiras tão intransponíveis quanto no globo terrestre”.

Os textos dessa coletânea apresentam uma estreita e tensa relação entre política e estética, de forma a ampliar e oferecer chaves de compreensão das senhas finais de seu ensaio de referência sobre a reprodutibilidade da obra de arte: a “politização da arte” contra a “estetização da política”. Mas, não apenas: a crítica proustiana às “pretensões da burguesia” em camuflar sua base material, a exposição da elite como, em suas palavras, “um clã de criminosos, uma gangue de conspiradores, com a qual nenhum outro pode se comparar: a camorra dos consumidores”, torna a “análise de Proust do esnobismo” algo “muito mais importante do que sua apoteose da arte, representa o auge de sua crítica social”. Essas passagens são pouco lembradas em função dos profundos conceitos que se encontram presentes no ensaio sobre Proust, um esquecimento que diminui a importância da crítica política que Benjamin supõe existir em sua obra. O humor, cuja função é parte da crítica proustiana, jamais é desprezado por Benjamin, muito ao contrário. Nesse caso, o pequeno comentário que é feito de um livro de ilustrações, “O comerciante no poeta”, guarda a mesma característica do humor, ao mesmo tempo que desfaz, em sua interpretação, as caricaturas desenhadas por Pierre Mac Orlan.

Por fim, Benjamin leitor assíduo de Proust, Valèry e Gide, encontra seu lugar de crítico legítimo da literatura alemã e francesa, nesse ambiente de largos conflitos, em condição de trânsito necessário, ou melhor dito, de fuga. Destino trágico daquele que detém a palavra e pode ser satírico. As últimas palavras da resenha “Édipo ou o mito racional”, compõem com outras parábolas gideanas um quadro positivo de fuga, ao confluir o referido drama com *O filho pródigo* e *Frutos da terra*:

Um frequentador assíduo da *Rotonde* não poderia ter-se expressado de forma mais desinibida a respeito da pergunta. É como se diante dele, nas inextrincáveis relações de sua casa, todas as misérias domésticas da pequena burguesia (aumentadas enormemente) fossem encontradas. Édipo vira-lhes as costas para seguir os rastros dos emancipados que tomaram a dianteira: o irmão mais novo do *Filho pródigo* e o andarilho de *Frutos da terra*. Édipo é o mais velho dos grandes que partem, que receberam o aceno daquele que escreveu: “é preciso sempre partir, não importa de onde”.

\* \* \*

As traduções dos textos dessa coletânea, em parte inéditos em língua portuguesa, seguem o caráter experimental de perto, buscando fidelidade como critério, uma proximidade quase literal ao texto. Um trabalho de equipe, que contou diretamente, desde a proposta, com Amon Pinho, com a parceria de Pedro Hussak na concepção e organização da coletânea e com a dedicada revisão de Francisco de Ambrosis Pinheiro Machado. No percurso da tarefa da tradução, devo agradecer também ao professor e amigo Peter Reinacher e aos alunos-orientandos Mariana Andrade Santos, Fernando Ferreira da Silva e Gilmário Guerreiro da Costa, cuja paciência em ler em conjunto os esboços de tradução, auxiliaram a refletir sobre os textos em vários aspectos e a submetê-los a um constante trabalho de revisão.

1. O contexto da carta de Gershom Scholem a Benjamin (Walter Benjamin, *Briefe I*. Organização de Gershorn Scholem e Theodor W. Adorno, Jerusalém, 20 de fevereiro de 1930, p.511, Frankfurt a.M., Suhrkamp, 1978, 1ª edição) alude à ambição de Benjamin de se tornar o único legítimo crítico de literatura alemã („speziell von der Warte Deiner präsumptiven Stellung als einziger echter Kritiker der deutschen Literatur aus keine Notwendigkeit eines Weges zum Hebräischen abzusehen ist“). Note-se que, no comentário de Scholem há uma queixa ao detectar o distanciamento com o aprendizado do hebraico. [↑](#footnote-ref-1)
2. Cf. Heinrich Kaulen, „Rehabilitierung der Polemik Walter Benjamin als Literaturkritiker und Rezensent“ <https://literaturkritik.de/id/14357> (consulta realizada em 12/06/2019) [↑](#footnote-ref-2)
3. Segundo a tradução de João Barrento, Editora Autêntica, 2017. p. 79-10. [↑](#footnote-ref-3)
4. Título de uma suposta “Conferência pronunciada no Instituto para o estudo do fascismo em Paris, 27 de abril de 1934”. De acordo com os editores Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser, Benjamin dá a entender a Adorno que a conferência ainda iria acontecer, em carta enviada no dia 28 de abril daquele ano (BENJAMIN, *G. S.*, II – 3, p.1460-1463), porém os editores afirmam com precisão que a conferência não foi efetivamente realizada e que não havia apresentação de conferências no mencionado Instituto para estudos do fascismo. [↑](#footnote-ref-4)
5. Cf. C. Kambas, verbete de *Walter Benjamins Handbuch*, p. 420-436. [↑](#footnote-ref-5)
6. Cf. T. Conner. *André Gide. Rebellion and Ambivalence*. New York: Palgrave, 2000. [↑](#footnote-ref-6)
7. Da entrevista com Gide realizada por Benjamin em 1928 em Berlim resultaram dois artigos aqui traduzidos – “André Gide und Deutschland. Gespräch mit dem Dichter” e “Gespräch mit André Gide” – publicados respectivamente no *Deutsche Allgemeine Zeitung*, 29.1.1928 e na revista *Die literarische Welt*, 17.2.1928. Os temas principais dessa entrevista relacionam-se: ao intercâmbio cultural e político entre França e Alemanha contra o conceito nacionalista de cultura; à visita de Gide a Berlim; ao interesse de Gide pela filosofia alemã; às traduções de Gide para o inglês e para o alemão; a respeito de Proust. [↑](#footnote-ref-7)
8. Algumas das observações seguintes remetem e podem repetir informações presentes nos anexos do livro de minha autoria, intitulado: *Sobre o declínio da “sinceridade”. Filosofia e Autobiografia de Jean-Jacques Rousseau a Walter Benjamin.* São Paulo, Editora Loyola, 2006. [↑](#footnote-ref-8)
9. Cf., a respeito da importância de Gide na Alemanha, a extensa bibliografia coletada e publicada por George Pistorius em *André Gide und Deutschland*. Heidelberg: Carl Winter, Universitätverlag, 1990. [↑](#footnote-ref-9)
10. L. Pierre-Quint, *André Gide. Sa vie – son oeuvre*. Paris: Librarie Stock, 1952. [↑](#footnote-ref-10)
11. L. Pierre-Quint, *Marcel Proust. Sa vie, son oeuvre*. Paris, Éditions du Sagitaire; *Comment travaillait Marcel Proust*, Éditions des Cahiers Libres. Épuisé, 1928. *André Gide. Sa vie, son oeuvre*. Paris: Éditions Stock, 1933. R. Fernandez, *Gide*. Paris: Corrêa, 1931. *Proust*. Paris: Éditions de la Nouvelle Revue Critique, 1942. Réédition: *Proust ou la généalogie du roman moderne*. Grasset, 1979. [↑](#footnote-ref-11)
12. C. Kambas. *Walter Benjamin im Exil. Zum Verhältnis von Literaturpolitik und Ästhetik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1983, p.21-2. [↑](#footnote-ref-12)
13. Henry Peyre. *Literature and Sincerity*. New Haven/London: Yale University Press, 1963. p.249-250. [↑](#footnote-ref-13)
14. “Il s'agit de gagner les intellectuels à la classe ouvrière, en leur faisant prendre conscience de l'identité de leurs démarches spirituelles et de leurs conditions de producteur” (Trata-se de ganhar os intelectuais para a classe trabalhadora, conscientizando-os sobre a identidade de seus caminhos espirituais e suas condições como produtores). [↑](#footnote-ref-14)
15. M. Lucey. *Gides Bent. Sexuality, Politics, Writings*. Oxford: Oxford University Press, 1995. [↑](#footnote-ref-15)
16. No texto original: “’friendliness’ to Gide seems to consist in his effort to suppress Gide’s homosexuality, a suppression that only makes that sexuality and the discomfort it provokes more evident”, p.196. [↑](#footnote-ref-16)
17. Elisabetta Vilari. “Introduzione”, p.13. In: *Walter Benjamin. Il viaggiatore solitário e il flâneur. Saggio su Bachofen.* Genova, Il nuovo melangolo, 1998. Tradução nossa. [↑](#footnote-ref-17)
18. Idem, p.13-14. Segundo Vilari, “o título original, relatado no J.J. Bachofen: um mestre da ‘Allemagne inconnue’, utiliza precisamente o termo favorito do círculo de Stefan George, fortemente influenciado por Bachofen, como explica Benjamin em seu ensaio”. [↑](#footnote-ref-18)
19. Em particular pelo filósofo nazista Alfred Bäumler, que publicou *Bachofen und Nietzsche* em 1929, *Nietzsche der Philosoph und Politiker* (1931), *Aesthetik* (1934), *Studien zur deutschen Geistesgeschichte* (1937). [↑](#footnote-ref-19)
20. Cf. Thomas Conner. Introduction. In: CONNER, T. (Org.). *André Gide’s Politics. Rebellion and Ambivalence*. New York: Palgrave, 2000. p.1-11. [↑](#footnote-ref-20)
21. J.P. Sartre, “Gide vivo”. In: *Situações, IV*. *Situations, IV*. Paris, N.R.F./ Gallimard, 1964. p.75- 79. [↑](#footnote-ref-21)
22. Essa entrevista foi motivo dos dois artigos que primeiro comentaram a relação Benjamin-Gide. O primeiro artigo publicado é de um autor francês, Claude Foucart, “André Gide dialogue avec la nouvelle génération allemande: la recontre avec Walter Benjamin en 1928”, BAAG, Vol. VII, n. 44, octobre, 1979. Foucart é especialista em Gide e na relação deste com a cultura alemã e seus expoentes. Possui em torno de vinte artigos publicados no BAAG a respeito das relações Gide-Alemanha e o livro *André Gide et l’Allemagne. Recherche de la complementarite* (1889-1932). Bonn, Romantischer Verlag, 1997. O segundo artigo é da autora alemã Chryssoula Kambas, especialista em Benjamin, com particular atenção aos ensaios deste, escritos no período de seu exílio na França, bem no tocante às relações pessoais e políticas travadas por Benjamin durante o mesmo período (Cf. “’Indem wir von uns scheiden, erblicken wir uns selbst’. André Gide, Walter Benjamin und der deutsch-französische Dialog”. In: L. Jäger/T. Regehly (org.), *Was nie geschrieben wurde, lesen*. Bielefeld: Aisthesis Verlag, 1992, pp.132-156; *Walter Benjamin im Exil. Zum Verhältnis von Literaturpolitik und Ästhetik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1983; verbete de *Walter Benjamins Handbuch*, p. 420-436. Ambos artigos tratam do tema do intercâmbio cultural e político franco-germânico. Citamos ainda um terceiro intérprete, Michael Lucey, *Gide’s Bent. Sexuality, Politics, Writing.* Oxford, Oxford University Press, 1995. [↑](#footnote-ref-22)